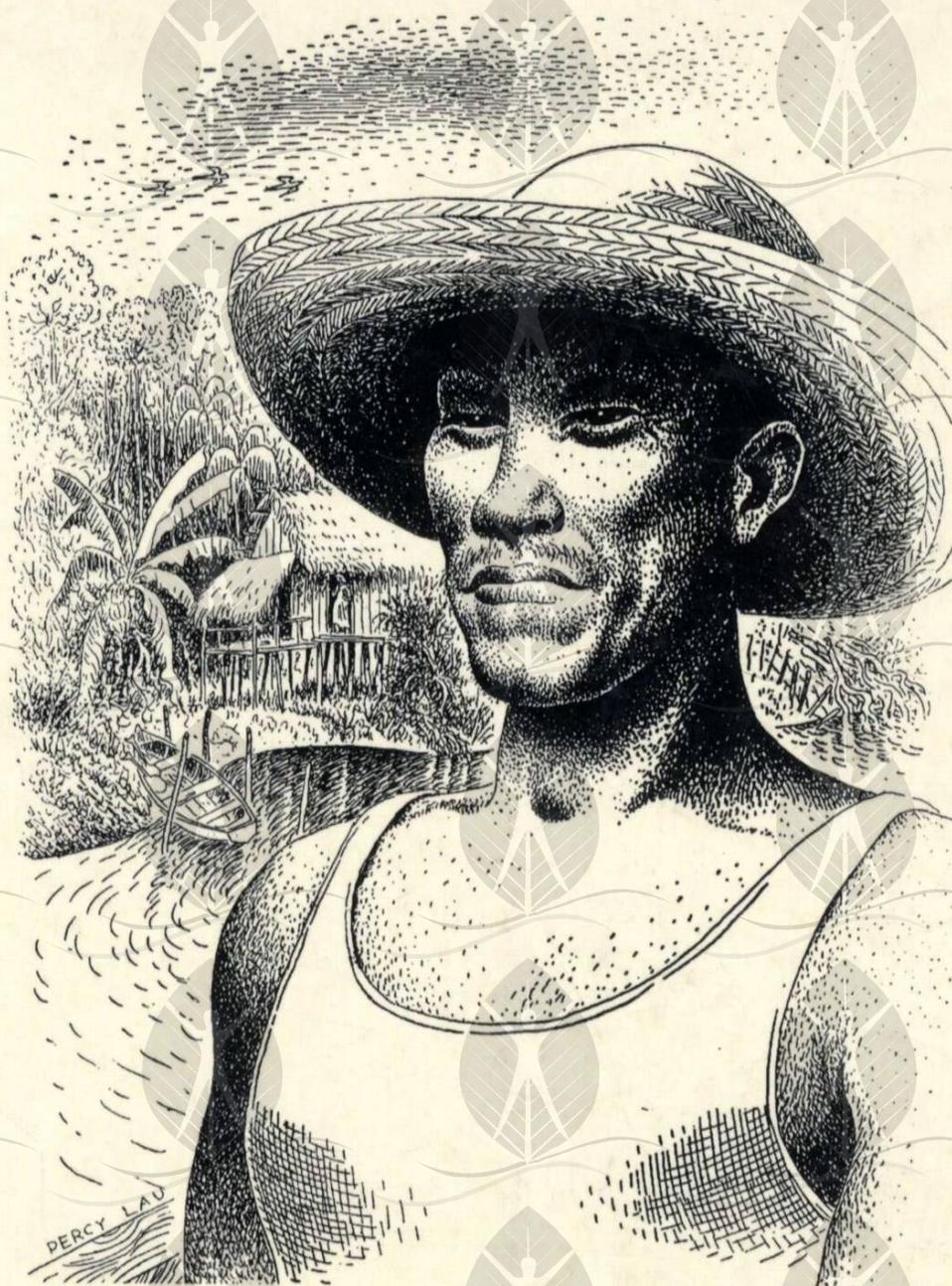


Samuel Benchimol



AMAZÔNIA

Formação Social e Cultural

Valer
EDITORA

Samuel Benchimol

Professor emérito da Universidade do Amazonas

AMAZÔNIA
Formação Social e Cultural



Registrado protocolo 3674 (Folha 87), 52 caderno (2060)

AmM
981.1
B457a

Copyright © by Samuel Benchimol, 1999

Editor
Isaac Maciel

Coordenação editorial
Tenório Telles

Projeto gráfico e diagramação
Álvaro Marques

Capa
(Ilustrações da capa e contracapa: “Caboclo Amazônico”
e “Vaqueiro de Marajó”, de Percy Lau)

Revisão
Alcides Werk / Marcos Sena
Rosilene de Deus / Regina Páscoa

Preparação dos originais
Tei Ihára

B457a BENCHIMOL, Samuel – 1923

Amazônia – Formação Social e Cultural /
Samuel Benchimol. – Manaus: Editora Valer /
Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

480 p.

ISBN 85-86512-23-0

1. Amazônia – Sociologia. 2. Amazônia –
Antropologia Cultural. 3. Amazônia – Grupos
Sociais. I. Benchimol, Samuel. II. Título.

CDU 981.1

1999

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Tel.: (092) 633-6565

ÍNDICE

1. Prefácio	07
2. Introdução	13
3. Os Índios e os Caboclos da Amazônia: uma herança cultural-antropológica	21
3.1 - Ciência, vivência e experiência indígenas	22
3.2 - Povos ribeirinhos: atores e labores	28
3.3 - Alto rio Negro: o Gênesis segundo os Dessanas	32
3.4 - Grupos étnicos e população indígena – 1987	38
3.5 - População indígena da Amazônia Brasileira – 1991-1995	40
3.6 - Etnografia histórica dos índios do Amazonas – 1768-1884	43
4. Os Portugueses na Colonização e no Empós	63
4.1 - Ação e interação cultural lusitana: contribuições	64
4.2 - Fase áurea da borracha	70
4.3 - A era dos Jotas	73
4.4 - Os senhores Comendadores	75
4.5 - Memória empresarial portuguesa na década dos anos 40	77
4.6 - Estabelecimentos comerciais de portugueses e luso-descendentes, em Manaus, no período 1990-1998	85
4.7 - Imigração de portugueses e europeus para o Brasil no período 1884-1939	88
5. Espanhóis e Galegos na Descoberta e na Conquista	91
6. Influência afro-brasileira	103
6.1 - Tráfico de escravos negros	109
6.2 - Escravos africanos na Amazônia – 1756 a 1788 e 1849	110
6.3 - Composição étnica da população amazônica – Censo de 1872 – 1890 e 1995	111

6.4 - Gente preta de nação: antropologia, anatomia e merceologia.....	113
6.5 - Nomes e africanismos.....	127
6.6 - Apologia da Mulata Paraense.....	131
7. “Os Cearenses” – nordestinos na Amazônia.....	135
7.1 - Os coronéis de barranco e da seringa.....	140
7.2 - Os arigós: visão sociológica.....	146
7.3 - Migrantes nordestinos: antologia de tipos humanos.....	181
8. Tempo dos Ingleses.....	197
8.1 - Companhias e capitais ingleses e de outras origens.....	204
8.2 - A revolução britânica da heveicultura na Ásia e a fracassada contra-revolução amazônica.....	208
8.3 - Uma universidade da borracha em Londres – 1912.....	222
9. Os Judeus na Amazônia.....	225
9.1 - A inquisição espanhola e a expulsão dos judeus.....	228
9.2 - Judiarias e aljamas em Portugal.....	230
9.3 - Exílio marroquino.....	237
9.4 - O êxodo judeu-marroquino.....	245
9.5 - Eretz Amazônia – terra da promessa.....	271
9.6 - As quatro gerações de judeus-amazônicos.....	281
9.7 - Os patronímicos das famílias judaicas-amazônicas.....	347
9.8 - O ser, viver e ficar judeu.....	353
9.9 - Demografia judaica: os 283.859 judeus-caboclos da Amazônia.....	363
9.10 - Comunidades judaicas de Belém e Manaus.....	375
9.11 - Os cemitérios judeus na Amazônia.....	377
9.12 - História de vida de alguns judeus-amazônicos.....	381
10. Contribuição Sírio-Libanesa.....	385
10.1 - Memória empresarial sírio-libanesa de Manaus.....	390
11. Participação Norte-americana.....	401
12. Parceria dos Italianos.....	405
12.1 - Empresários e estabelecimentos comerciais de italianos e descendentes na Amazônia (durante o ciclo da borracha e nos anos da crise).....	410
13. Japoneses no agro e na indústria.....	419
13.1 - Memória empresarial japonesa e nipo-descendentes.....	423
14. Processo de integração amazônica.....	431
15. A Amazônia e o Terceiro Milênio.....	449
16. Bibliografia.....	463
17. Trabalhos Publicados pelo Autor.....	471
18. Curriculum Vitae do Autor.....	477

Prefácio

Há cinquenta e cinco anos venho estudando, pesquisando e escrevendo sobre as gentes de minha terra amazônica. Só ela tem sido, ao longo do meu viver, o motivo e campo de trabalho, ação, docência e pesquisa. Nessa longa travessia fui mudando, vivenciando e escrevendo os seus diferentes aspectos humanos, geo-sociais, antropológicos, econômicos, históricos, políticos e até ambientais. Muita ambição universitária e holística para o meu provincianismo e amadorismo científico.

O meu escrever e os textos que criei, produzi e publiquei nessa mais que cinqüentenária jornada – a maioria sob forma reprográfica e edições de tiragens extremamente minguadas e diminutas – foram mudando com a passagem do tempo e, por isso, sou réu confesso de contradições, ambigüidades e equívocos. Não importa. Pois todos revelam as diferentes fases de minha vivência e experiência amazônicas. Todos eles trazem, no entanto, a marca registrada do meu único código genético existencial: a fidelidade à terra e ao tema.

A feitura deste livro – o centésimo trabalho da minha carreira – é fruto de um longo processo de maturação: foi elaborado, escrito, emendado, reescrito, compilado e mudado ao longo de todo esse incansável percurso. Começou com o *Cearense na Amazônia – um inquérito antropológico sobre um tipo de imigrante*, que escrevi para o X Congresso Brasileiro de Geografia, em 1944. Em seguida, veio a minha tese de Mestrado em Sociologia, na Miami University – *Manaus: o crescimento de uma cidade no vale amazônico*, em 1947, quando fiz uma interpretação da ecologia urbana e social. Duas décadas depois, ao escrever a *Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia*, em dois volumes, voltei ao tema

para dar ênfase e destaque a um capítulo de 37 páginas sobre o contexto cultural dos diferentes povos, etnias e culturas que formaram e diversificaram a vida social e econômica da Amazônia.

O texto de 1966 foi reelaborado em 1972 quando publiquei o *Amazônia: Um Pouco-Antes e Além-Depois*, ampliando o antigo texto do *Cearense na Amazônia*. Também reescrevi o *Contexto Cultural e Político*, reconstituindo o processo de formação social. Em 1985, no II Encontro Regional de Tropicologia, da Fundação Joaquim Nabuco, realizado em Manaus, sob a presidência do eminente mestre Gilberto Freyre, apresentei *Os Grupos Culturais na Formação da Amazônia Brasileira*, texto que recebeu referência extremamente generosa, transcrita na orelha deste livro. Em 1992, recompos o *Cearense na Amazônia* de 1944 e o transformei no *Romanceiro Antropológico da Batalha da Borracha*, com novas adições, complementos e achegas.

De lá pra cá o tema *Formação Social e Cultural da Amazônia* nunca deixou de me perseguir e acompanhar nas minhas andanças e mudanças de estilo, discurso, pesquisa e prosopopéia. Os personagens sempre foram os mesmos, muito embora variassem o tom, a voz, o calor, a vida, o movimento e/ou a ênfase.

Nesse vai-e-vem, o manuscrito foi sendo ampliado, modificado, reescrito e reestruturado. Agora um novo impulso e entusiasmo me levou à compulsiva paixão para elaborar este novo texto antropológico, para que as gerações vindouras possam, também, fazer suas próprias reflexões, eliminando as minhas idiossincrasias, ambigüidades e palmares erros.

Nesta nova apresentação, procuro incluir todos os personagens, atores e matrizes etnoculturais e sociais que contribuíram para a formação da sociedade amazônica, que é o objetivo e a obsessão deste opúsculo. Partindo da base e da massa crítica dos índios e caboclos, com todo o peso e valor da presença cultural e antropológica de seus diferentes tipos e representantes, passo para os colonizadores portugueses, com os seus *jotas e comendadores*, procurando examinar suas contribuições em termos da língua, fé, usos, costumes e inovações criadoras.

Vou buscar os espanhóis e galegos na descoberta e conquista, com o objetivo de memorar os feitos e defeitos de ambos os povos ibéricos na transfiguração e desintegração da identidade ameríndia. Passo aos afro-brasileiros, que haviam sido esquecidos no passado anterior, para incluí-los como agentes importantes que foram na história colonial do litoral, no movimento cabano, nas minas de Cuiabá, no tempo dos quilombolas e na

atual presença no processo de mestiçagem biológica, sincretismo religioso, contribuição musical e coreográfica e, agora, através de valores de liderança e ascensão social e política.

O capítulo dos cearenses e nordestinos em geral adquiriu nova dimensão, para, com base na tese original de 1944, dar-lhe um novo contexto através dos seus seringueiros, coronéis de barranco, soldados da borracha e os arigós – que são os precursores dos atuais camelôs da cidade grande – e no qual reproduzo o grande discurso semântico em que se empenharam os sábios e filólogos da época. Um estudo especial foi dedicado à apresentação de cerca de oitenta tipos, biotipos e sociotipos antologicamente descritos, interpretados e examinados através de frases curtas para tentar resumir a saga de suas longas histórias de vida.

O tempo dos ingleses adquiriu, igualmente, nova ênfase e maior importância, e foi reconstituído com o objetivo de transmitir o valor e o significado da infra-estrutura tecnológica que as sessenta companhias inglesas e européias de serviços públicos construíram durante o ciclo da borracha e mais cerca de quarenta firmas comerciais e exportadoras do período, perfazendo um total de uma centena de empresas e companhias de capital estrangeiro. Uma análise da revolução britânica na heveicultura da Ásia foi incluída, para melhor entender o impacto da agrosilvicultura e seus efeitos durante a larga depressão amazônica, que se seguiu ao *day after* de 10 de abril de 1910, resultante do insucesso e fracasso da contra-revolução amazônica.

O capítulo sobre os judeus na Amazônia foi consideravelmente ampliado para melhor retratar as origens e o destino daquelas 1.000 famílias de migrantes que se deslocaram, no período de 1810 a 1910, para “fazer a Amazônia”. As quatro gerações de judeus-amazônicos são estudadas e retratadas para oferecer uma exposição e análise de sua importância no contexto regional. O assunto deveria ser mais reduzido e menos redundante e prolixo para uma melhor adequação, mas confesso que as minhas origens avoengas e ancestrais e as idiossincrasias pessoais me impulsionaram e levaram a escrever uma abordagem excessiva.

Os primos sírio-libaneses receberam um novo capítulo de seus patronímicos e uma memória empresarial, para melhor estudo de sua presença, participação e liderança, após uma longa carreira de sofrimento e discriminação racial e cultural.

Os norte-americanos têm, desta vez, uma descrição especial através de suas tentativas de colonização, construção ferroviária e desenvolvimento tecnológico mais recente.

Os italianos tiveram a sua vez, para suprir a falha e omissão nos trabalhos anteriores. Pela primeira vez revelamos as origens dos lugares, dos ancestrais das principais famílias de descendentes italianos e a relação de seus estabelecimentos comerciais e industriais.

A contribuição dos japoneses foi, da mesma forma, ampliada para poder incluir não apenas a sua contribuição no agro, mas também na indústria, no Distrito Industrial de Manaus, como nas *joint-ventures* de mineração na Amazônia Oriental.

Dando prosseguimento a esse processo de aculturação e multidiversidade regional, a sociedade amazônica iria, nestas últimas décadas, atravessar a fase “gaúcha” de sua formação. Os “tchês” estão chegando – é o que se ouve falar no interior de Rondônia, Acre, Mato Grosso, sul do Pará e Amazonas – para anunciar a chegada da era do chimarrão, do churrasco e do fandango das velhas tradições dos pampas e da serra gaúcha. Esta frente veio com a expansão da fronteira agrícola e pecuária que desceu do planalto central, ocupou os cerrados e savanas da periferia do escudo sul-amazônico e penetrou fundo no mediterrâneo amazônico através da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco-Cruzeiro do Sul), da BR-163 (Cuiabá-Santarém, ou melhor, Santarém-Cuiabá, como preferem dizer os “mocorongos”) e da BR-010 (Belém-Brasília), além da BR-230 (Transamazônica) e, mais recentemente, da BR-319 (Porto Velho-Manaus), que passou a receber os “russos brancos gaúchos” nos campos de Puciarí, para abrir o novo corredor de soja junto à hidrovia do Madeira.

Os amazônidas, como de resto os brasileiros de um modo geral, adoram colocar apelidos e nomes genéricos. “Baianos”, para os paulistas, são todos os brasileiros que vivem ao norte do rio São Francisco e “paus-de-arara” os nordestinos flagelados, que vão viver nas favelas e vilas-misérias, à procura de emprego na paulicéia desvairada. Para os paraenses e amazonenses, “cearense” é todo o nordestino e, agora, “gaúcho” são os novos migrantes de Goiás, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que abandonam as suas *querências* do sul e sudeste para virarem pioneiros nas selvas da Amazônia. Este novo ciclo de diversificação completa o circuito, o périplo e a maratona de competição e convivência das cinco grandes regiões brasileiras do Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul.

Neste particular, a Amazônia é o melhor e o maior exemplo de brasilidade que a todos acolhe e os *querencia* no seu vasto, exótico e estranho mundo – mundo biologicamente rico, mas economicamente pobre, que



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

